

Sociedade dos Amigos do Museu de  
Francisco Tavares Proença Júnior

# \_MATERIAES\_



III SÉRIE | N.º 4 | 2019

**Sociedade dos Amigos do Museu de Francisco Tavares Proença J.<sup>o</sup>**

# **MATERIAES**

**Castelo Branco  
2019**

## PATRI LIBERO ET LIBERAE

José d'Encarnação\*

Sugeriu-me o Dr. Pedro Salvado, Dig.<sup>mo</sup> Director do Museu Municipal do Fundão, que, para incluir no volume de homenagem à Dr.<sup>a</sup> Benedita Duque Vieira, eu retomasse as referências à epígrafe sobre que redigira uma local para o *Jornal de Fundão*, texto que o Dr. Manuel Leitão achou por bem reproduzir no boletim *Ara*, do Centro de Estudos Epigráficos da Beira<sup>1</sup>.

Aceito, com todo o gosto, a sugestão, não só por o caso equacionar a sempre desejável relação entre a História e a Epigrafia, uma vez que o ponto de partida foi, aqui, um testemunho literário sem pretensões histórico-epigráficas, mas, de modo especial, por se prender com as raízes patrimoniais de um território por que a homenageada sempre terçou armas sem desfalecer.

Começo por reproduzir *ipsis verbis* o texto publicado. Naturalmente, por se dedicar ao chamado «grande público», desprovido habitualmente de conhecimentos neste domínio, incluíram-se aí informações singelas, que se dispensariam em contexto científico. Dele partirei, por conseguinte, para especificar e, quando necessário, documentar o que se afirmou. Na verdade, passaram 26 anos, os conhecimentos aumentaram e, porventura, até o valor documental então atribuído ao monumento poderá resultar agora mais expressivo. Isso se pretende assinalar. Sem a pretensão de trazer algo de novo para além da informação acerca dos estudos subsequentes.

---

\* Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património .

<sup>1</sup> «Memórias de bispo levam ao encontro de divindades pagãs»: *Jornal do Fundão*, nº 2470, de 24 de Dezembro de 1993, p. 18; *Ara* nº 8/11, Dez. 93 – Março 94, p. 1 e 4.

## 1. Memórias de bispo levam ao encontro de divindades pagãs

D. Manuel de Almeida Trindade, que foi ilustre bispo de Aveiro, decidiu escrever as suas memórias: *Memórias de um Bispo*, Coimbra, 1993. Aí se lê, na p. 3, a propósito de seu padrinho, o Dr. José Ferreira de Trindade:

«Meu padrinho era o melhor cicerone de Monsanto. Tinha em casa moedas antigas, objectos encontrados em escavações e, até junto da tal escada que dava acesso ao primeiro andar da casa que lhe coubera em herança, uma velha ara romana, com uma inscrição, que os meus conhecimentos de latim (ainda mais sem os de epigrafia) tinham dificuldades em interpretar. A ara romana creio que ainda lá está no mesmo lugar».

Foi-me esta passagem de pronto assinalada por D. Maria Isabel de Alarcão, e logo recorri ao Dr. Rogério Carvalho para indagar do monumento.

E, de facto, por gentileza do proprietário, o Dr. Luís Ferreira de Andrade, lá a pôde observar na Quinta do Burrinho Novo, Relva, Monsanto.

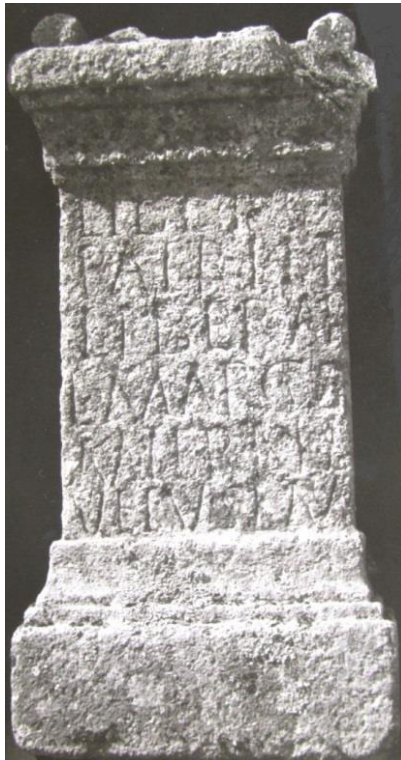
Trata-se de um altar de granito, de grão médio, ainda em muito bom estado de conservação, pois que se encontra quase intacto, com o seu capitel ornado de toros e de fóculo (onde se faziam as libações), e molduração de tipo clássico nas quatro faces a separar o fuste tanto do capitel como da base. De 62 cm de altura por 31 de largura e 23 de espessura máxima, o monumento pode considerar-se, portanto, do ponto de vista tipológico, como um exemplar típico do século I da nossa era.

Mas, na verdade, o que é mais interessante é o texto latino que ostenta na sua parte dianteira e que reza o seguinte:

LIBERO / PATRI ET / LIBERAE / L(*ucius*) MARCIVS /  
MATERNVS / VET(*eranus*) V(*otum*) S(*olvit*) L(*ibens*)  
M(*erito*)

Ou seja, vertido para português:

«A Pai Líber e a Líbera – o veterano Lúcio Márcio Materno  
cumpriu a promessa, de livre vontade, mercedamente».



D. Fernando de Almeida já se lhe referia, em 1956, no seu clássico trabalho sobre Egitânia. Contudo, a referência quase passou despercebida aos investigadores seguintes e talvez se justifique, por isso, que ora se dê novamente notícia do achado.

Integrada no território da romana *Civitas Igaeditanorum* – a cidade dos Igeditanos, actual Idanha-a-Velha – este milenar ex-voto reveste-se, na verdade, de particular significado histórico, por duas razões fundamentais.

Primeiro, porque o culto a este par divino denota, aqui, uma influência estranha à Península Ibérica, eventualmente oriunda do Norte de África, onde *Liber Pater* – isto é, Baco, o deus do vinho – era mesmo uma divindade oficial. Par favorável à fecundidade, ligado ao culto dionisiaco, gozava de grande simpatia entre os militares. E, com efeito, o dedicante é, neste caso, um veterano, ou seja, um soldado que passou à disponibilidade. Tudo nos leva a crer que, após cumprido o serviço militar, regressado são e salvo à sua terra natal, Lúcio Márcio Materno tenha querido manifestar gratidão às divindades de sua particular devoção.

Em segundo lugar, porque a família Márcia detém bastantes testemunhos epigráficos documentados na Egitânia romana, registando-se inclusive a circunstância de haver um outro – ou o mesmo? – Lúcio Márcio Materno, cavaleiro da I Ala dos Cidadãos Romanos Singulares, que chegou, inclusive, a ocupar o cargo de decurião dessa unidade, nos finais do século I da nossa era. Os Márcios constituíam, seguramente, uma das famílias mais importantes da região há dois mil anos.

Por todos estes motivos, é justo que nos congratulemos por – apesar da sua aparente simplicidade – estes documentos continuarem a merecer dos seus proprietários ou eventuais achadores um grande apreço: neles se reconhece a memória indelével de um passado que se manteve até aos nossos dias em toda a sua eloquente integridade.

## 2. Comentários imediatos

2.1 Houve oportunidade de apresentar fotografia da epígrafe, o que ora se repete, com mais qualidade. Devo-a ao Dr. Rogério Carvalho, na altura a exercer funções oficiais de âmbito arqueológico na área de Castelo Branco e com quem tive, por consequência, ocasião de dar a conhecer e de rever monumentos epigráficos<sup>2</sup>, o qual prontamente se disponibilizou a ir ver a epígrafe, que, segundo creio, permanecerá no local.

Na presente transcrição, corrigiram-se algumas gralhas que haviam maculado o texto publicado.

2.2 Aproveite-se a referência à fotografia para dar conta do que D. Fernando de Almeida escreveu<sup>3</sup>, em jeito de aditamento ao que deixara exarado na p. 155, onde estuda a inscrição nº 22, referente a Lúcio Márcio Materno, de que a seguir se aludirá:

«Quando procedíamos, com Veiga Ferreira, às primeiras escavações em Idanha-a-Velha [...], tivemos ocasião de visitar Monsanto. A amabilidade proverbial do Dr. José Trindade fez com que nos fosse possível observar uma ara inédita na posse de Etelvina Rodrigues Antunes ou de seu pai; fora encontrada em 1955 na cava de uma terra de que são proprietários no sítio denominado «Chão das Cachopas», subúrbios de Monsanto. É de granito e mede 0,63 m. de altura, 0,30 de largura no capitel e na base e 0,25 m. no corpo; a espessura, no corpo, é de 0,23 m.

---

<sup>2</sup> Cito, a título de exemplo; «Ara a Júpiter encontrada em Freixial do Campo», *Ficheiro Epigráfico* 39 1991 nº 175; «Ara votiva de Ninho do Açor», *Ficheiro Epigráfico* 39 1991 nº 176; «Uma placa funerária do Museu de Castelo Branco», *Ficheiro Epigráfico* 39 1991 nº 177; «Inscrição rupestre romana procedente de Capinha», *Trebaruna* (Castelo Branco) 3 1994 43-53; «Árula votiva de Escalos de Cima», *Ficheiro Epigráfico*, 66, 2001, inscrição nº 296...

<sup>3</sup> *Egítânia, História e Arqueologia*, Lisboa, 1956, p. 378-379, fig. 188.

Preparamos, em conjunto, várias notas sobre achados arqueológicos desta aldeia e seus arredores e em uma delas faremos o estudo pormenorizado da lápide».

Não chegou, todavia, a ter essa oportunidade.

Registam-se, por conseguinte, levíssimas diferenças nas dimensões em relação às que Rogério Carvalho documentou e fica-se com uma ideia mais precisa acerca do contexto arqueológico do achado.

### 2.3 O nome da *civitas Igaeditanorum*

Escrevi no texto «Egitânia», na sequência da versão escolhida por D. Fernando de Almeida. Aceita-se essa grafia, mas, de facto, não parece haver justificação concreta, uma vez que, se é a cidade dos Igeditanos, poderia chamar-se, de preferência, Igeditânia, correspondente a uma eventual forma latina *Igaeditania*. Tem-se optado recentemente pelo termo *Igaedis*, que teria o genitivo *Igaeditis*, donde o etnónimo *Igaeditani*. Certo é, no entanto, que, nos monumentos epigráficos, a menção é sempre, até ao momento, a de ser *civitas Igaeditanorum*, o que se compreende, porque, nesses primórdios da aculturação, se privilegiavam as pessoas e, mais do que um aglomerado jurídico-administrativo, via-se a comunidade.

### 3. *L. Marcus Maternus*

Intuíti desde logo D. Fernando de Almeida que o dedicante deste ex-voto deveria relacionar-se com o *Maternus* referenciado em duas outras inscrições, de Idanha-a-Velha:

«[...] No entanto, por se ligar estreitamente a uma ou talvez duas inscrições do «Corpus Inscriptionum Igaeditanorum», resolvemos dar desde já uma breve notícia do seu aparecimento» (p. 378).



A citada epígrafe 22 foi encontrada incompleta nas muralhas da cidade. É homenagem a Lúcio Márcio Materno, filho de Tangino, decurião da I ala, faltando a identificação deste corpo militar<sup>4</sup>.

Acontece, porém, que é conhecido, através de outra inscrição<sup>5</sup>, um *Marcus Maternus* que se apresenta como *eques* – isto é, cavaleiro – *alae I singulariorum civium Romanorum*. Parece, pois, muito verosímil que se trate da mesma pessoa, como tem sido assinalado.

Assim, a Doutora Marta González pôde, entre outros, gizar o que foi – de acordo com os dados epigráficos de que ora dispomos – a carreira deste soldado. Já o referira no trabalho de investigação defendido em Setembro de 1995<sup>6</sup>, em largo comentário às inscrições que identificou como 51.1, 51.2 e 52; volta a debruçar-se sobre o tema em 1997<sup>7</sup>; é, porém, em 2006, no âmbito do comentário à inscrição do cavaleiro *L. Marcus Avitus*, que mais detidamente analisa o perfil de *Maternus*<sup>8</sup>. Remeto, por conseguinte, para esses estudos, de que apenas se apontam aqui as conclusões mais significativas:

1 – *L. Marcus Maternus* é, com toda a probabilidade, oriundo da *civitas Igaeditanorum*, de estirpe indígena, pois o seu pai se chama *Tanginus*, antropónimo de cariz nitidamente lusitano.

2 – Tendo ingressado no exército, os seus dotes militares contribuíram para ser nomeado decurião da ala em que militava. A ala era a unidade de cavalaria e ficou-se a saber que serviu na I Ala chamada dos Singulares Cidadãos Romanos, designação que pode parecer estranha,

---

<sup>4</sup> HEpOL n.º 20 088. [HEpOL = *Hispania Epigraphica on line*, base de dados acessível no endereço <http://eda-bea.es/>]. [Consultado a 3-7-2019].

<sup>5</sup> HEpOL n.º 20 087.

<sup>6</sup> GONZÁLEZ HERRERO, Marta, *El Fenómeno de Promoción Social entre los Militares de la Lusitania Romana*, trabalho de investigação, inédito, realizado sob direcção do Doutor Julián De Francisco Martín, no âmbito do Departamento de Historia y Artes, Universidad de Oviedo. O texto, policopiado, não tem indicação de páginas.

<sup>7</sup> GONZÁLEZ HERRERO, Marta, «Algunos casos particulares de promoción social entre militares lusitano-romanos», *Conimbriga* 36 1997 73-93 (sobretudo nas p. 78-82).

<sup>8</sup> GONZÁLEZ HERRERO, Marta, *Los Caballeros Procedentes de la Lusitania Romana. Estudio Prosopografico*. Signifer Libros, Madrid, 2006, n.º 10, p. 61-68, p. 91 e p. 98.

mas que pretende assinalar que – pelo menos no seu início – aí se integravam, a título individual, indivíduos dotados da cidadania romana, o que significou, no caso vertente, que a Materno foi concedido, ainda em serviço, esse estatuto, porventura no momento em que foi nomeado cavaleiro (*eques*). O habitual era tal concessão ocorrer apenas quando o provincial passava à disponibilidade. Decurião era o comandante de uma decúria, constituída, como o nome indica, por 10 elementos. No atrás citado ex-voto que mandou gravar em honra de *Liber* e de *Libera*, *Maternus* identifica-se como veterano: já cumprira o serviço militar.

3 – Torna-se aliciente pensar no relacionamento entre *Lucius Marcius Avitus* e *Lucius Marcius Maternus*. Pela identidade da onomástica (coincidência de *praenomina* e de *nomen*), pertencem à mesma *gens*. Um é filho de *Fuscus* e declara-se a sua pertença à tribo Quirina, a da *civitas Igaeditanorum*; do outro, o pai é *Tanginus*. Ambos têm, portanto, filiação indígena e a identidade do gentílico testemunha que ambos foram integrados na comunidade latina, digamos assim, por intermédio da influente família dos *Marcii*, de que, na verdade, a documentação epigráfica da zona nos revela outros membros<sup>9</sup>, entre os quais podem citar-se *Marcia Celerina* e *Marcia Verecunda*, que são apresentadas, ambas, como libertas de *Paullina*<sup>10</sup>, sintoma evidente de que estamos perante famílias de elevado estatuto económico e social. Escreve, aliás, Marta González:

«A presença de membros da família nesta zona da Lusitânia foi, decerto, prolongada e esteve vinculada, seguramente, à exploração dos recursos auríferos» (2006, p. 62).

Têm-se interrogado os investigadores acerca da razão última pela qual *Maternus* homenageou *Avitus*, sublinhando que o fez *ob merita*, isto

---

<sup>9</sup> Cf. NAVARRO CABALLERO, Milagros e RAMÍREZ SÁDABA, José Luis, *Atlas Antroponómico de la Lusitania Romana*, Mérida-Bordéus 2003, p. 228-229, mapa 192. Ver também Marta González Herrero, 2006, p. 98.

<sup>10</sup> HEpOL n° 21 465.

é, devido aos merecimentos do homenageado. Explicita, em síntese, Marta González (2006, p. 65):

«A intenção de *Lucius Marcius Maternus* ao comemorar a carreira de *Lucius Marcius Avitus* pôde ser a de lhe agradecer não apenas a sua intervenção como patrono para o favorecer, como também por ter agido brilhantemente como prefeito, na ocasião em que tornou dignos de receberem a cidadania os soldados que militavam sob as suas ordens, entre os quais ele mesmo se incluía. De certeza que o facto de o soldado se dirigir a *Lucius Marcius Avitus* como *praefectus optimus* está a fazer referência a esta segunda possibilidade».

#### 4. O ex-voto

Concordo inteiramente com Marta González (1997, p. 79):

«A presença do termo *veteranus*, sem que conste aí a sua condição de decurião, leva a pensar que o motivo da consagração não foi outro senão o de agradecer a sua saída da tropa e, atendendo à conotação destas divindades, o de propiciar a fecundidade das terras que lhe teriam sido entregues assim como a da sua própria família».

Mantém-se com relativa actualidade a síntese que García Sanz nos proporcionou<sup>11</sup> acerca da documentação epigráfica peninsular referente a *Liber Pater* e a *Libera*. Salientou, por exemplo, que se notara uma concentração de dedicatórias em torno de *Turgalium*<sup>12</sup> e que os testemunhos apontam para se tratar de um culto privado (p. 183); que a preferência pela designação de *Liber* (em vez do alheio Baco ou Díónisos) radicar-se-á no facto de – apesar de haver total identidade entre as

---

<sup>11</sup> GARCÍA SANZ, Óscar, «Liber Pater epigráfico en Hispania: Textos y contexto religioso», *Espacio, Tiempo y Forma*, Série II (Hª Antigua), IV, 1991, p. 171-198.

<sup>12</sup> Inscricções 516, 532, 724, 725 e 896 de ESTEBAN ORTEGA, Julio, *Corpus de Inscriciones Latinas de Cáceres. II. Turgalium*, Universidad de Extremadura, Cáceres, 2012.

designações – esta ser ‘a mais ancestral’ para os Romanos (p. 185); e que, na Hispânia, se não regista qualquer indício que relacione *Liber Pater* com o vinho ou a videira (p. 188).

Quanto ao carácter quase familiar da nomenclatura *Liber Pater*, tive também ocasião de o referir a propósito da árula dedicada, em Conímbriga, por *Valerius Daphinus*<sup>13</sup>:

«A expressão *Liber Pater*, além de parecer mais ‘familiar’, abarca um significado maior: a fecundidade, entendida não apenas no sentido próprio de perpetuação da família através de novas e saudáveis gerações (legítimo anseio de todos os tempos e de todos os lares, a sua projecção no futuro, através de filhos e netos...), mas também numa acepção mais ampla, a da prosperidade, palavra que, por demais usada no quotidiano, amiúde se vê despojada do profundo significado que encerra: próspero é o que vence obstáculos, aumenta o seu prestígio, goza o seu bem-estar... Que melhor bênção haveria de querer Valério Dafino?!»

(2004-2005, p. 97).

Há, todavia, um aspecto a ter em conta. No texto que serviu de pretexto para esta nota, eu referi-me a «par divino», a «divindades», a propósito de o ex-voto ter sido feito *Libero Patri et Liberae*. «Los testimonios epigráficos de esta pareja de divinidades», afirma, por seu turno, Julio Esteban (2012, p. 227), «se detectan en las zonas más romanizadas y sus devotos presentan onomástica plenamente latina».

Foi Sabino Perea quem mais decididamente ousou chamar a atenção dos investigadores sobre o carácter assexuado das divindades, no

---

<sup>13</sup> ENCARNAÇÃO, José d’, «Reflexos, no quotidiano, da prístina epigrafia romana», *Arqueologia & História* 56/57 2004-2005 p. 96-98 [acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/9912>] e ENCARNAÇÃO, José d’, «O mágico simbolismo de uma árula conimbricense». *Boletim de Estudos Clássicos* 58 2013 p. 147-151 [acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/25163>].

livro *El Sexo Divino*<sup>14</sup>. Aí, por exemplo, o capítulo 4 tem por título «Dionyso/Baco, el falso hombre» (p. 31-36). De resto, já em 1998<sup>15</sup> esse arguto investigador abordara o tema, genericamente, inserindo-o na problemática da aculturação religiosa, denunciando esse uso de fórmulas como «aos deuses e às deusas» a dúvida que entre os Romanos se poderia ter instalado aquando do contacto com as divindades indígenas. O assunto viria a ser retomado por Marco Simón, que preferiu considerá-lo uma «indefinição primordial do divino»<sup>16</sup>.

Corrijo, pois, a interpretação que dei: não se trata de um «par divino»!

Dediquei ao «sexo dos deuses romanos» todo o capítulo 4.2.3 da mais recente versão do meu manual de Epigrafia<sup>17</sup> e aí explicitarei, seguindo Perea, que a menção do masculino e do feminino visa precisamente esclarecer que – quer seja de um sexo ou de outro – é a divindade na sua totalidade que se pretende invocar. De resto, acentua Perea, é por isso que «se desdobram muitos dos númenes primários, cuja função se prende com a terra». E cita o caso de *Liber / Libera*, comentando:

«Não são duas divindades, mas uma só divindade de duplo sexo, com duas naturezas, que encerram o terrível paradoxo de incarnarem a suma fertilidade e serem, ao mesmo tempo, pares estéreis!» (1999, p. 152).

Este constituirá, porventura, o que de menos divulgado se poderá perceber no propósito que tive ao retomar o que se escrevera sobre este

---

<sup>14</sup> PEREA, Sabino, *El Sexo Divino (Dioses hermafroditas, bisexuales y travestidos en la Antigüedad clásica)*, Madrid, 1999.

<sup>15</sup> PEREA YÉBENES, Sabino, «Las fórmulas epigráficas *deus deave, si deus si dea y diis deabusque*», *Veleia* 15 1998 167-180.

<sup>16</sup> MARCO SIMÓN, Francisco, «*Diis Deabusque* – A indefinição primordial do divino», in RIBEIRO, José Cardim (coord.), *Religiões da Lusitânia – Loquuntur Saxa*, Lisboa, 2002, p. 17-19.

<sup>17</sup> ENCARNACÃO, José d', *Epigrafia – As Pedras que Falam*, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2ª edição, revista e aumentada, Março 2010, p. 133-144.

notável ex-voto, o qual, embora em casa particular e dado a conhecer quase de relance tanto por D. Fernando de Almeida como pelo bispo D. Manuel Trindade, hoje amiudadas vezes se refere, não tanto, diga-se, no quadro da religiosidade de que é testemunho, mas, de modo especial, devido ao seu dedicante.

Do cidadão da *civitas Igaeditanorum Lucius Marcius Maternus*, romano de origem indígena, muito ficámos a saber: alistou-se no exército imperial, numa unidade de cavalaria; foi nomeado *eques*, cavaleiro, posição social e militar de nível não despiciendo; chegou a *decurio*, comandante de uma decúria; e, ao prestar culto a *Liber Pater*, nas suas formas masculina e feminina, não desdenha – antes pelo contrário, tem orgulho! – em se apresentar como *veteranus!* Esta última, a terceira de um conjunto de epígrafes que continua a ter, de facto, muito para contar!

## SUMÁRIO

NOTA DE ABERTURA .....	p. 3
Continuar o caminho – Maria Adelaide Neto S. F. Salvado.....	p. 5

### **Benedicta Maria da Fonseca Duque Vieira e Carmo Ferreira**

#### **– IN MEMORIAM**

- Nota Biográfica.....	p. 9
- Uma pessoa notável - Ana Margarida Ferreira.....	p. 11
- Uma amiga inesquecível - António Alfaia de Carvalho.....	p. 13
- O privilégio de conviver com Benedicta Duque Vieira - Deolinda Conceição Flores Bastos.....	p.15
- Homenagem a uma amiga - Hermann Scheufler.....	p. 17
- “Lembranças machucam. As boas ainda mais” – Maria Celeste Marcelino Tavares de Sá Pereira Capelo.....	p. 21

#### **SABERES**

- O Museu como território de afectos, duas décadas depois de criado o Grupo de Amigos do Museu Nacional de Arqueologia - Luís Raposo .....	p. 27
- Noronha da Costa no Museu Tavares Proença Júnior - Ana Lídia Pinto.....	p. 37

#### **TERRITÓRIAS E MATÉRIAS**

- Casa do Ramalho (Penamacor): Um abrigo rupestre com um grande soliforme - Francisco Henriques, Carlos Neto de Carvalho, Sara Ferro, Hugo Pires, João Caninas, Mariana Vilas Boas.....	p. 53
- Os podomorfos de Serrasqueira (Castelo Branco) e de Pedreira (Proença-a-Nova): Notícia - Francisco Henriques, João Caninas, Anabela Joaquineto, Luís Bravo Pereira.....	p 81

- Patri Libero et Liberae - José d'Encarnação.....p. 99
- Uma inscrição islâmica de Serpa no olhar de Francisco Tavares Proença Júnior - Miguel Serra, Pedro Miguel Salvado.....p. 111
- Epigrafia Portuguesa do Museu de Francisco Tavares Proença Júnior – Joaquim Baptista .....p. 121
- A Póvoa, de Benedicta Vieira: Um Rio de... memórias - Joaquim Candeias da Silva..... p. 135
- Elementos da ação pastoral e política do 2º Bispo de Castelo Branco - D. Vicente Ferrer da Rocha - Maria Adelaide Neto Salvado.....p. 145
- Os Tavares de Almeida Proença: Política e notoriedade social no Portugal do século XIX - Nuno Pousinho.....p. 173
- Homenagem à mulher do mundo rural - Manuel Lopes Marcelo.....p. 191
- Pastores. A documentação fotográfica do ciclo pastoril do concelho de Idanha-a-Nova - Eddy Chambino.....p. 197
- A nossa faladura – arrondear – Anselmo Cunha ..... p. 207

## **LETRAS E MEMÓRIAS**

- Dois textos esquecidos de Manuel de Paiva Pessoa: “As obras da Sé” - “O Museu Regional Francisco Tavares Proença Júnior”.....p. 215
- Dois cataventos: “O Museu Francisco Tavares Proença” – “É bordar e receber?” – Manuel Costa Alves.....p. 227